

NA PERIGOSA ERA DO AQUI E AGORA...

Afinal, o que interessa o passado e o futuro? O importante não é viver o presente? Pois parece que viver, realizar-se, ser feliz de verdade não é deixar simplesmente a vida nos levar. Já pensou nisso alguma vez? Quem sabe, vamos fazer este debate com o texto da entrevista do Pe. Pedrinho Guareschi. [\[1\]](#)

Mundo Jovem: *Vivemos dias conturbados (desrespeito, violência). Existe uma crise de valores, sobretudo entre os jovens?*

Guareschi: A gente precisa ter um pouco de cuidado com a afirmação de que os jovens hoje já não têm valores. Eles sempre têm valores. Além disso, os valores não são tão ruins como a gente pensa, porque eles refletem a situação de vida de um grupo. Nas comunidades existem muitas coisas boas e essas coisas são os valores daquele grupo. E as pessoas que nascem dentro desta comunidade, se imbuem destes valores. Quando elas vão fazer as coisas, isto vai ficando dentro delas, e elas vão agir de acordo com estes valores.

Numa família, por exemplo, o jeito de ser do pai e da mãe são valores que passam para os jovens. Existem comunidades ótimas, onde os valores são de solidariedade, entre-ajuda, compaixão. Uma regra simples pode nos ajudar a definir se uma coisa é boa ou ruim: "faça aos outros alguma coisa que queres que te façam e não faças aos outros o que não queres que te façam".

O critério principal é saber se o outro está incluído. Se eu só penso em mim, este é um valor perigoso, egoísta. Este é o valor que é passado pelo liberalismo, pelo capitalismo, porque sua filosofia é a competitividade, cada um por si, ninguém por todos; quem pode mais, chora menos. Ao passo que a filosofia que mais realiza o ser humano é a filosofia da solidariedade, da entre-ajuda, do bem querer, do respeito ao outro, o que, aliás, existe muito ainda entre as pessoas. No fundo as pessoas são bondosas.

Mundo Jovem: *E os jovens conservam os valores dos seus antepassados?*

Guareschi: Vou trazer aqui uma afirmação de Hobsbawm, talvez um dos maiores filósofos historiadores da atualidade, que escreveu o livro "A era dos extremos". Ele nos lembra que "a destruição do passado, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas, é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX". Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação com o passado público da época em que vivem.

Nós vivemos hoje uma presentificação, um presente contínuo. O que vale hoje é o agora, é esse instante e, se neste instante eu tenho uma necessidade, uma angústia, eu procuro algo que me tire esta angústia agora, sem pensar no passado e sem pensar no futuro. É a presentização, a agorização do momento. Isto é perigoso porque a pessoa perde o sentido do antes, durante e depois e perde o sentido histórico; torna-se alguém que facilmente é manipulado.

Isso tudo está dentro do contexto da questão dos valores. Tudo o que fazemos é por algum motivo, algum valor subjacente. Só que estamos numa situação em que não podemos parar para refletir sobre qual é mesmo o valor, a legitimação ou a causa do que faço e por que faço.

Mundo Jovem: *Qual é a razão deste apego ao presente?*

Guareschi: Se a gente for ver a razão disto, eu acho que é exatamente porque a gente oferece tudo imediatamente, mas sem uma continuação. Depois isto deixa um vazio. Há uma frase que diz muito bem isto: o custoso é gostoso. Na medida em que você se propõe coisas árduas, difíceis, você se realiza, e fica mais feliz.

No mistério pascal a gente diz que toda ressurreição implica numa morte. Parece que esta mentalidade de hoje, da nova era, não tem a dimensão pascal. Ela é sempre o aqui e o agora; o que é bom neste momento. Mas a vida da gente não é assim. Ela é feita de lutas e vitórias, de morte e vida, e isto é o valor que está na própria natureza, e que está dentro da grande dimensão cristã. Mas é difícil para o jovem perceber, que ele precisa dar para receber, investir para receber de volta. O melhor exemplo é o do corpo: se você só inspira, inspira e inspira, você acaba estourando. Você tem que expirar, para poder inspirar.

Mundo Jovem: *Existe, neste sentido, da parte dos jovens, uma falta de motivação, de projeto de vida?*

Guareschi: Nós já falamos de três coisas interessantes: a primeira, é a presentização, o agora, agora. A segunda, o individualismo, só pensar em si. A terceira, é a do consumismo. Estas três dimensões, de fato, não chegam a fazer o jovem viver uma vida que realmente vale a pena. Cansam. Vida boa é quando você consegue comer com tempo, beber com tempo, curtir os amigos, ficar numa boa e se contentar com o que tem e não só ficar pensando no querer mais, querer mais.

O individualismo e o consumismo não fazem as pessoas felizes, e por isso às vezes os jovens se cansam rapidamente. A gente vê que eles não têm mais ideais a longo prazo. Eles parecem que se contentam com o que está aqui. Não deu, acabou! É por isto que a droga tem força, ela contenta agora, mas depois que acaba aquilo, ele entra numa depressão danada.

Aí não há mais aquele gosto de você lutar por alguma coisa, de propor um caminho, um projeto, de pensar em investir aqui para chegar até lá, para poder crescer. Não se vê mais espaço de futuro. E eu acho que este é um risco muito grande que os jovens correm.

Mundo Jovem: *Diante disso, é importante uma filosofia de vida?*

Guareschi: Sim. Se não há um investimento, uma coragem, se não me proponho um curso, uma meta, se não me proponho um tempo para ler um livro em profundidade, ou a ter coragem de planejar escalar uma montanha, eu nunca vou ter o prazer de poder dizer "eu venci, eu ganhei". Isto é uma coisa importante quando a gente fala em valores.

Tudo isto está sujeito àquela filosofia que cada jovem deve ter para si. Ele deve chegar um dia, parar e se perguntar: o que eu quero da minha vida? Quero pensar só em mim ou vou incluir os outros? Vou ser um egoísta, ou os outros vão fazer parte de mim?

Se eu pensar só em mim, em pouco tempo eu vou ser odiado, desprezado por todos os outros. Agora, se eu invisto no amor, no bem-querer, na amizade, se perco tempo escutando os outros, eu também vou receber em troca carinho, amizade. E é isso que faz a vida.

Mundo Jovem: *Como podemos desenvolver esta filosofia?*

Guareschi: A gente precisa um certo método para isto. Eu penso que a escola e a família podem contribuir muito para isso. Não é tão simples porque eles não agüentam ficar muito tempo numa mesma situação.

Mas é preciso estabelecer um método em que se diz: vamos desligar a televisão e vamos conversar nós, durante cinco minutos, sobre o que vimos. Então a gente se torna alguém que critica aqueles cinco minutos que viu. É difícil porque a turma só quer comer, comer coisas novas. Mas é possível estabelecer o método da reflexão, que significa dobrar-se sobre si mesmo, e então a gente vai ver aquilo que a gente recebeu, vai refletir sobre aquilo que viu, ouviu, falou.

Para isso é preciso uma certa negociação, e de novo vem a questão do diálogo, da possibilidade de parar, e se fazer a pergunta: o que é isso? qual o valor que está subjacente aí?

Mundo Jovem: *Em que a escola pode contribuir?*

Guareschi: Uma das coisas mais interessantes que a escola faria e chamaria a atenção da turma e eles acompanhariam, seria trazer uma pequena gravação de uma novela ou algum outro programa, e discutir. Caminhar por quatro passos.

O primeiro é perguntar: o que gostaram e o que não gostaram? Aí acontece um milagre: a turma fala. Porque antes eles estavam ouvindo, estavam sendo presos. Isto já é uma grande coisa. Depois, perguntar em que você concorda e em que não concorda?

Aqui vêm os valores porque, além de simplesmente falar do que gostou, não gostou, surge uma pequena reflexão da turma, que é o porquê não está de acordo. Feito isso, o terceiro passo seria então perguntar: como você faria o script desta nova novela?

É a concretização daquilo com que eles concordaram ou não concordaram antes. No primeiro passo, fala; no segundo, fala e pensa; no terceiro, fala, pensa e cria, desenvolve a criatividade. Finalmente o quarto passo, você fala, pensa, cria e faz. Porque você faz a sua novela, cada um faz um ator e a gente pode até filmar e depois passar a novela que assistiram e, em seguida, a que eles fizeram. O grande valor desta técnica é o seguinte: nunca mais eles vão ver a novela do mesmo jeito.

No desenvolvimento de uma consciência crítica, esse exercício é excelente. E aí podemos descobrir quais são realmente os valores que a turma prestigia.

Mundo Jovem: *E o próprio jovem, o que pode fazer?*

Guareschi: Se não tomamos cuidado, vamos ser fantoches, porque só se vai recebendo, recebendo e acabamos sendo o que outros fizeram de nós. Vamos ser aquilo que enfiaram na nossa cabeça.

É claro que é preciso escutar o que os outros dizem. Mas aí vem a questão: pegar as coisas e refletir, discutir e ver se vale ou não vale, e assumir, ser alguém livre e assumir uma posição de vida, uma postura.

Antigamente os grandes homens e mulheres se reservavam um tempo por dia para um exame de consciência; uma espécie de revisão. E faziam isto ao meio-dia e à noite, todos os dias. Faziam um balanço do dia. Os monges budistas, praticamente, passam metade do tempo deles em reflexão.

Por isto têm tanta profundidade. Toda a pessoa que se propõe realmente uma vida garantida, segura, feliz, dedica muito tempo à reflexão, ao balanço da sua vida.

QUAIS SÃO OS MEUS VALORES?

Uma primeira coisa que a gente deve levar em conta quando vai discutir valor é o que esta palavra pode significar. Porque, mesmo sendo uma das palavras mais usadas, quando você pergunta o que é um valor, poucos conseguem dizer o que é. Portanto, a primeira coisa que a gente precisa distinguir é que valor significa uma porção de coisas diferentes. O valor pode significar o econômico, que é o preço, quanto você paga por alguma coisa.

Outro sentido, que já está mais próximo do que se vai falar aqui, é o valor natural, isto é, o valor que provém do fato de algo ser da natureza, de algo não ter sido feito pelos homens. Por exemplo, a terra, tem um valor natural, o ar, a água, que é o valor da natureza.

E há um terceiro sentido para a palavra valor: alguma convicção profunda que está dentro da gente e dentro dos grupos, alguma convicção que faz com que a gente faça aquilo, e ache que seja bom. É exatamente o que a gente poderia dizer do valor ético, que é aquela atribuição que a gente dá às coisas. A gente pergunta: esta coisa é boa ou ruim? É o valor que está encaixado nas coisas.

O interessante é que tudo tem valor, nesse sentido. Não há nada que seja neutro. Todas as ações vêm enroladas em valores. Tudo o que a gente faz, no fundo, no fundo, é por um motivo de valor. Então, o valor é aquilo que dá o impulso fundamental às nossas ações. Só que a gente não pára para pensar: qual é a razão daquilo que estou fazendo? Por que decidi fazer esse curso e não outro? Por que decidi responder dessa maneira e não de outra maneira?

Mesmo quando a pessoa usa droga, ela tem algum valor, tem alguma razão para fazer isto. Eu busco algo que não tenho. Só que alguns acham que isso é negativo. A gente nunca se pergunta sobre o porquê de grande parte daquilo que fazemos. Talvez esta seja a questão mais séria. Se a gente debatesse a questão da droga, por exemplo. Normalmente se fecha a questão dizendo que a droga é coisa ruim e não se deve usar. Por que não sentar à mesa e tentar compreender, da parte dessa outra pessoa que usa droga, por que ela está a fazer isto? Você nem precisa dizer o que você acha. Na medida em que a pessoa vai falando, vai tentando descobrir quais seriam as razões. Ela mesma vai vendo que esses valores, essas razões, não têm sentido.

[1] Pe. Pedrinho Guareschi, Professor do curso de Pós-graduação em Psicologia da PUCRS. Endereço Eletrônico: guaresch@pucrs.br
Entrevista publicada na edição 333, fevereiro de 2003, no jornal Mundo Jovem